

O PODER DA PALAVRA: Linguagem, Ideologia e Educação

Jorge Miranda de Almeida¹
Adriano Moreira de Oliveira²

RESUMO: O objetivo desse artigo é problematizar as implicações das palavras, principalmente no campo educacional, justificando de que modo que elas são empregadas e influenciam na vida e na formação dos educandos e dos educadores. As palavras não têm uma força, poder ou forma nelas mesmas, mas é o homem que as emprega e as transforma em um aparelho para servir a diversas matrizes. O discurso é uma das principais estratégias de persuasão, indução e convencimento tão bem demonstrada por Platão, especialmente na obra *O Sofista*. Essa reflexão é ancorada em duas teses fundamentais de Bakhtin: “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” e “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. A palavra pode ter diversos significados segundo a ideologia a qual está subordinada, produzindo novos conhecimentos ou novas alienações e reificações. Na delimitação do processo pedagógico, a palavra é a ferramenta que mais permite a relação dialógica e a construção da existência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra. Emancipação. Argumentação. Educação.

ABSTRACT: The article discusses the implications of the words, especially in the educational field, explaining how words influence in the life and formation of students and teachers. The words don't have strength, power or shape as itself, but is the man who employs them and turns them into a device to serve various matrices. The speech is one of the main strategies of persuasion, induction and persuasion as well demonstrated by Plato, especially in the work *The Sophist*. This reflection is anchored in two fundamental theses of Bakhtin: “the word is present in every act of understanding and all acts of interpretation” and “the word is the ideological phenomenon par excellence”. The word can have different meanings depending on the ideology which is subject, producing new knowledge or alienation and reification. The delimitation of the pedagogical process, the word is the tool that allows more dialogical relationship and the construction of human existence.

KEYWORDS: Word. Emancipation. Argumentation. Education.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir e problematizar a relação entre a palavra e o poder mediante o emprego da categoria da ideologia, tomando como delimitação os discursos que são proferidos em sala de aula, na dicotomia entre as pregações teóricas e as atitudes de professores e de estudantes. Ela está ancorada nos textos

¹Jorge Miranda de Almeida. Prof. Dr. Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade; prof. Programa de Pós-graduação em Linguística. Prof. Titular do DFCH-UESB, prof. coordenador PIBID Campus de Vitória da Conquista. E-mail: mirandajma@gmail.com

²Bolsista PIBID-FILOSOFIA. E-mail: amd fisica@gmail.com

de Paulo Freire *Educação cultural como prática da liberdade* (1967); Mikhail Bakhtin *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988); Theodor Adorno *Educação e Emancipação* (1995), *Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade* de Álvaro B. Márquez-Fernández (2014) e *O Poder simbólico* de Pierre Bourdieu.

A premissa é que a palavra fascina e como ela está impregnada de intencionalidades, de dizeres explícitos e implícitos, se estabelece enquanto se reveste do caráter de poder e de ideologia, pois, consoante Bakhtin, o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra, por isso, ela penetra de maneira tão incisiva na vida cotidiana, nas salas de aula, nas relações amorosas, nas disputas de poder, conforme se presencia nos debates dos candidatos a governador e a presidência nas eleições. Diz-se tudo mediante a palavra e não se aborda com propriedade quase nada. A palavra esvaziou o seu sentido, o seu significado, o seu signo, o seu conteúdo e, na maioria das vezes, tornou-se meramente peça publicitária. Essa informação lembra o que Freire (1967) afirma em seu texto de que as palavras não são independentemente de sua significação real, de relação com às situações reais, contraditórias e concretas. E quais são as principais contradições? A má formação educacional da população mantém os sujeitos adormecidos em livros e em conteúdos que não dizem respeito às situações concretas, mas permanecem engessados em conceitos e em teorias que satisfazem mais ao ego do doutor professor do que à aplicação na contradição existencial para verificar se esse conteúdo tem validade ou não. Para complicar, os meios de comunicação utilizam as palavras e todas as formas de linguagem, que estão a serviço do capital e dos donos dos meios de produção que enganam, camuflam, adocicam as consciências com uma falsa realidade, com uma ideologia de bem estar e de felicidade que se esconde em belos seios e em belos carros.

Este trabalho está dividido em 2 tópicos. No primeiro, apresenta-se a problematização do poder da palavra em sua relação com a linguagem, a ideologia e a educação; o segundo e como contraponto, discute-se a difícil relação entre ética e a palavra ou a palavra e a ética, se a palavra está comprometida com o jogo de poder que os sujeitos lhe atribuí, pois não existe palavra em si, mas como ela é empregada e utilizada com intencionalidades explícitas, ela pode estar a serviço da comunicação entre os homens, pode estar a serviço do poder como

presenciamos ao longo da história, com os grandes ditadores que utilizaram especificamente da palavra para dominar como Mao Tse Tung, Hitler, Mussolini, Nero, etc, ou pode usar da palavra para propiciar libertação como Jesus Cristo e Gandhi por exemplo. A palavra em si não é ética, tornar-se ética mediante o testemunho entre o que e o como se fala e de que maneira se concretiza, isto é, testemunha com a prática o que se diz.

O PODER DA PALAVRA: LINGUAGEM, IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

A palavra tem sentido e faz sentido numa perspectiva dialética ou ela é desprovida de sentido enquanto ela é um dos componentes mais fundamentais no processo de humanização do homem. Porém a palavra tem sido utilizada como um dos principais instrumentos de poder para dominar ou subjugar o ser humano. Pierre Bourdieu faz uma análise minuciosa em *O Poder Simbólico* quando afirma no capítulo I intitulado *Sobre o Poder Simbólico*, na primeira síntese “*que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem*” (BOURDIEU, 1989, p. 9), ou seja, ele atravessa e é atravessado pela ideologia dominante que intencionalmente esconde os conflitos e os interesses das classes e dos meios de produção. Nesse sentido, as palavras são essencialmente ideológicas e carregadas de produção simbólicas como estrutura de dominação. Por isso, os empobrecidos acomodados assistem passivamente o aumento de concentração de rendas e tende a ver como normal a gritante discrepância entre os poucos com muito e a maioria sem quase nada.

Bakhtin também afirma que “*a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (1988, p.95) e ainda “*a língua no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida*” (p. 96). Embasado nessas duas teses e consciente de que é mediante a linguagem que acontece o diálogo e constrói comunicação com o outro e com o mundo, qual é a relação entre ideologia e educação? Qual é o poder que a educação tem em transformar ou em manter estruturas e mentalidades?

Ora, é por meio da linguagem que se humaniza, por isso é fundamental que no processo educativo ela possa ser valorizada e incentivada ao estudante na escola se possibilite passar de ouvinte acomodados para um ser pensante e crítico. Ciente de que não existe neutralidade, que somos seres de intencionalidades

“inconcluso, ambíguo, de múltiplas possibilidades” (ALMEIDA, 2013, p. 14), como envolver o discente no processo de construção de consciência que relacione e problematize poder, ideologia, palavra e linguagem? Como, mobilizados pelas dinâmicas desenvolvidas no projeto PIBID-Filosofia-UESB, o estudante pode contribuir para que o educador supere a rigidez dos currículos, dos relatórios das secretarias de educação Municipal, Estadual e do Ministério da Educação que se contentam apenas com gráficos, números e não com a verdadeira essência da educação?

Problematizar a educação como questão que diz respeito a cada um e a todos deve acontecer quando a criança, o adolescente e o jovem deixam de repetir as palavras e o educador contribui para que elas tenham sentidos na fase vivencial em que os pequenos educandos estão inseridos. Para isso acontecer, na perspectiva que é proposta, o educador adquire uma dimensão muito importante, pois é ele que vai acompanhar o aprendiz nesse caminho por um bom tempo. Quando se estimula o lado produtivo e criador³ da criança e mesmo o do adolescente, permite-se que, no percurso educativo, ele possa confrontar com a própria realidade, isto é, no lugar da visão estereotipada veiculada pelos meios de comunicação, em que ele se depara com as ditas verdades nas matrizes, que mascara uma visão da própria vida e do mundo ao redor, descobre que possui cordas e ligações que o movimentam, e as desconstruções que realiza podem levá-lo a um conhecimento muito mais singular e individual, e através do mesmo, promover a sua existência e as suas conceituações mediante sua própria linguagem.

Sob essa ótica percebe-se que o processo de educação e de emancipação pode ser tratado desde o começo da fase infantil, antes mesmo de ir à escola. Não se pode deixar estas crianças perderem a dimensão da curiosidade, do questionamento, do encantamento e da busca de si mesma, possibilitando uma conceituação autêntica do mundo, seus perigos e suas maravilhas. É mediante a linguagem que se dialoga e constrói a comunicação com o outro e com o mundo. Para que isto aconteça, precisa de um processo de educação básica, planejada com objetivo de emancipar, ou seja, possibilitar ou oferecer a todos a construção de consciência para que possa ter assegurados os direitos fundamentais da

³ Conforme Bakhtin (2011), o lado produtivo e criador consiste na promoção do próprio princípio.

dignidade humana que passa pelo direito de liberdade de expressão, muitas vezes negada nas escolas em nome de determinadas ideologias.

O processo educativo tem três períodos muito importantes em nossas vidas, primeiro passo e talvez um dos mais importantes acontece quando a criança começa a desenvolver suas habilidades, colocando em atuação seus instintos e potências, momento em que ela apreende o mundo e se expressa seu conhecimento através da linguagem. Aprendemos com Platão e Aristóteles que o conhecimento começa com a curiosidade, com o espanto e com a admiração prática, característica por natureza da criança, entretanto, ao longo, tais características vão sendo irrelevantes e se tornam ridículas.

Segundo passo acontece durante a formação e a elaboração da personalidade do adolescente e do jovem, nesse período o meio social e sobretudo a escola tem um peso enorme, pois é nesse campo que ideologicamente o estudante é induzido ou manipulado por uma determinada ideologia. Como a maioria das propagandas são direcionadas a esse público e como a escola no atual modelo visa ajustar e controlar socialmente, a palavra passa a ter um conteúdo eminentemente ideológico, parafraseando Bakhtin (1988, p. 36) a palavra se torna o fenômeno ideológico por excelência. Nesse contexto, como distinguir a ideologia da verdade que a palavra quer expressar? Como separar a ideologia das outras produções do pensamento humano? Ora, se é verdade que a palavra está presente em todos os atos humanos e que ela é essencialmente ideológica, qual é a ideologia que está subjacente nos livros didáticos utilizados no Brasil? Novamente Bakhtin contribui para entender esse poder devastador e ao mesmo tempo transformador da palavra. Segundo o pensador russo:

[...] tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de poder políticos, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos e bem formados. (BAKHTIN, 1988, p. 41 – grifos do autor)

A tarefa de construir a emancipação não é exclusiva dos educadores e dos discentes, mas constitui o espaço privilegiado para que esse processo aconteça. É

importante salientar que a emancipação não é um ato isolado ou uma característica ou qualidade do indivíduo que ocorre independente. Ela está indissociavelmente acompanhada de várias outras como a responsabilidade, a coerência, o discernimento, o respeito, o compromisso, e conseqüentemente a ética. Geralmente quando se passa a compreender as convenções sociais, que, se constrói junto com o educador a verdade de si e a libertação da opressão quer econômica, quer social ou cultural. Portanto, uma educação que não habilite ou problematize com o estudante a construção do discernimento está claramente a serviço da ideologia dominante. Paulo Freire afirma em várias de suas obras, especialmente na *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Indignação* que a educação é moldada por ideologias que muitas vezes, é passada aos educandos de maneira indireta e sem que estes tenham consciência de que estão sendo manipulados.

Greg W. Misiaszek e Carlos Alberto Torres no verbete *ideologia* para o *Dicionário Paulo Freire* afirma:

[...] Freire enfatizou que pedagogias focadas no discurso crítico são necessárias para identificar as ideologias dominantes e “esclarecer a legitimidade do sonho ético-político de superar a realidade injusta [...] trabalhar contra a ideologia fatalista dominante e seu poder de incentivar a imobilidade por parte dos oprimidos e sua adaptação à realidade injusta. (TORRES apud STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 217)

Nessa perspectiva, o educador adquire uma dimensão muito importante, pois é ele que vai dialeticamente acompanhar o discente nesse caminho por um bom tempo. Quando se estimula um conhecimento autêntico, se permite que no percurso educativo, possa confrontar com a própria realidade, isto é, no lugar da visão estereotipada veiculada pelos meios de comunicação, que adotam diversas matrizes que se apropriam da linguagem para gerar uma intencional verdade inquestionável, descobre que as palavras inseridas nesses contextos têm uma dupla face, em que não possibilita um encontro com o outro, pois não se desenvolve um encontro com si, isto é, o sujeito já não se reconhece individualmente dentro de um processo, os meios que o definem por meio de uma categorização objetiva.

Assim, o processo educativo também permite ao estudante aprender e apreender a organizar os pensamentos, razoar e refletir a vontade com racionalidade e clareza para possibilitar desconstruir o conteúdo dado através dos

livros didáticos, deslocar o professor do lugar de referência da verdade e poder construir um conhecimento situado no tempo e lugar em que vive a partir do diálogo que estabelece com o conteúdo, com o docente, com a realidade e com as próprias convicções que vai tecendo a partir dessa dialética. Somente através desse processo que permite passar de uma educação ideológica para uma educação consciente e consistente. Pierre Furter ao escrever o prefácio intitulado *Paulo Freire ou o poder da palavra* para a obra *Educação como prática da liberdade* estabelece:

[...] primeiro, que as palavras não sejam mais ôcas. Que não se esconda com o verbalismo, o vazio do pensamento; com o formalismo, a mentira da incompetência; e com o beletismo, o cinismo da descrença tão característicos das elites no poder. A autenticidade na fala implica a crítica radical de uma situação. [...] só então a palavra em vez de ser o veículo das ideologias alienantes e/ou de uma cultura ociosa tornar-se-á geradora, sito é, o instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade. (FURTER apud FREIRE, 1967, s/p)

Retomando o diálogo com Bakhtin *a palavra é poder*. E como ele afirmou que ela é fenômeno ideológico por excelência, a palavra dialógica e democrática tanto pode libertar e mostrar um mundo sem fronteira, quanto ser ferramenta intencional que se converte no poder do tirano, como por exemplo, na utilização da palavra-discurso realizada por Hitler. Freire na referida obra afirma que conservados mudos e quietos “*O povo assistiu à proclamação da República “bestificado”, foi a afirmação de Aristides Lôbo, repetida por todos. Bestificado vem assistindo aos mais recentes recuos do processo brasileiro*” (FREIRE, 1967, p. 82 – grifos do autor). A condição de libertação passa essencialmente em como aprender *com* a palavra para usar *a* palavra para se entender e compreender o uso da palavra. O que pode ser constatado mediante o uso da palavra como linguagem é o poder simbólico que está explícito e implícito em cada frase. Como somos seres intencionais é evidente que cada ação tem uma intencionalidade e, esta, por sua vez, tem uma certa ideologia que esconde o poder simbólico que a sustenta e a legitima.

É inoportuno ter que evocar um período tão bárbaro e constrangedor da existência humana para exemplificar o poder da palavra. Um exemplo de homem que realizou essa experiência foi Adolf Hitler ao seduzir o povo alemão e colocá-lo contra o povo judeu, utilizando de discursos bem entoados, com a voz firme e

contudente. O indivíduo simples, filho de uma família de classe média-baixa, tornou-se um ditador, defensor da destruição dos valores e da decência humana, formador de matrizes apropriando da linguagem para defender o interesse de determinado grupo. A questão do holocausto nazista e do genocídio humano não dizem respeito ao povo judeu, mas a quem pertence à espécie humana.

Algumas questões são necessárias para que o leitor possa refletir e tirar suas próprias conclusões, por exemplo: como um homem pode chegar a ter este poder como ele conseguiu convencer uma nação ou boa parte dela a fazer tudo aquilo com o poder da palavra e da persuasão? Como ele conseguiu intensificar o conteúdo da verdade filosófica não verdadeira, afirmando que existe uma subespécie, uma sub-raça que precisava ser exterminada e que incluía não só os judeus, mas também a todos nós latino-americanos que não somos arianos? Por quê seus discursos eram cheios de honestidades e de verdades para o povo alemão, ou invertendo a questão, porque a maioria do povo alemão se satisfazia em querer ouvir os discursos que encantavam, motivavam e encorajavam jovens adultos? Este exemplo é o suficiente para demonstrar que Hitler tinha não só o poder da palavra e sabia como também discursar e utilizá-las, isto significa que as palavras organizadas e ditas com um objetivo tem um poder de mudar uma determinada realidade como foi a situação vivenciada na Europa durante o período nazista.

Quando Adorno publica a obra *Educação e Emancipação* (1995), ele estava convicto que a tarefa da educação era impedir a todo custo que a experiência do holocausto fosse repetida, pois representa, possivelmente, o maior atentado contra a dignidade humana. Ele discute a relação da palavra com a barbárie. Novamente tem-se uma bifurcação: a palavra que liberta e a palavra que aliena, que legitima a barbárie. É nesse contexto que ele afirma: “*a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação*” (ADORNO, 1995, p. 119).

É importante destacar nesse tópico que a palavra utilizada ideologicamente pode chegar ao leitor ou ao ouvinte de maneira simples, pode ser simplesmente *jogada no vento* por qualquer sujeito de maneira despreziosa ou intencional. É por isso que é fundamental construir uma

consciência crítica, engajada e transformadora, pois mediante a consciência que é possível ler e interpretar nas linhas e nas entrelinhas da palavra se o que ela contém é desejo insaciável de consumo para gerar lucro e que constitui a semente do mal em nossa sociedade porque gera ambição, usura, exploração e, por outro lado, compreender que a palavra possibilita abertura ao diálogo, ao encontro fraterno e de princípios.

A palavra não sendo neutra, traz junto de si uma série de outras palavras e associações, como por exemplo, a palavra “*combate*” ou “*preconceito*”, ela pode ter uma significação negativa dentro de um contexto, remetendo a um conjunto de palavras com sentidos prejudiciais, como por exemplo, morte, destruição, rancor, ódio, sofrimento, desilusão, tristeza. Entretanto, visto de outro modo, ressignificando em outro sentido, os mesmos termos podem se configurar enquanto palavras precisas e utilitárias, “*combate*” deixariam de ser visto como algo ruim, para um ato necessário para a desconstrução da naturalização da palavra, parafraseando Marx toda mudança só existe quando há um conflito, do mesmo modo, “*preconceito*”, seria apenas uma etapa para a conceituação de algo, afinal todo conhecimento a princípio não se configura com um preconceito estabelecido? Para exemplificar, as palavras podem ser interpretadas de várias maneiras dependendo do seu uso ideológico. Isso vai depender de quem a utiliza, como se utiliza, com qual finalidade se está utilizando e até mesmo do momento, da situação e do tom de voz. Um discurso sério, uma piada ou até mesmo uma única palavra pode conter vários significados.

Entretanto, quando tais palavras se tornam cristalizadas, o surgimento de outras palavras se fazem necessárias para conceituar algo pois algumas se tornam manchadas por associações, conforme defendia Steven Pinker (2002) e diversos linguistas, chamando este fenômeno de “*esteira de eufemismo*”. Basta observar a palavra “negro”, que se interpreta enquanto “*cor escura*”, “*cor da pele*”, mas também “*sujeira*”, “*obscuro*”, “*velório*”, etc., por conta de frequentes apropriações com carga negativa, tem-se a necessidade de cunhar novas palavras para substituir aquelas que se tornaram pejorativas, por exemplo a substituição de “*negro*” para “*afrodescendente*”, a troca sempre ocorre uma vez que essa nova palavra também adquire outras conceituações pejorativas que acabam cristalizadas (cf. PINKER, 2002, p. 190-191). Para Pinker (2002), o respeito

mútuo só é alcançado quando tais palavras não necessitem mais de serem substituídas.

Um outro exemplo muito forte que pode esclarecer quanto à questão da ideologia e suas várias faces, acontece na religião, que se torna um espaço com uma matriz mais acentuada. Geralmente partindo da premissa que é necessário a instituição religiosa para alcançar a salvação, Deus é utilizado de várias maneiras diferentes para legitimar diversos interesses, logo, a palavra Deus é esvaziada de seu sentido para se transformar em um outro conteúdo intencional que alimenta a intolerância, o ódio, as guerras, a exploração, assim, Deus deixa de ser o amor, no sentido mais universal possível, para ser um amor, uma forma, um sentido e uma regra.

A ÉTICA NAS PALAVRAS

Quando se pensa em ética sempre a toma enquanto uma definição nos livros, longe de uma aplicação prática, compreende-se, por exemplo, que não é ético em uma sociedade a ação em que todos querem o tempo todo levar vantagem uns em cima dos outros, contudo, instituem que “*o mundo é dos espertos*”, “*é mais importante parecer do que ser*”, “*jeitinho brasileiro*”. Naturalizou-se na sociedade brasileira que a desonestidade, a corrupção e a mentira se tornaram virtudes e a decência, a honestidade, a justiça, a verdade, a transparência se tornaram completamente dispensáveis, porque, ainda continua valendo a famosa lei da vantagem ou lei do Gerson, que o importante é levar vantagem em tudo. Os próprios estudantes e professores são colocados nessa ciranda, onde plágios de trabalhos, cumplicidade entre amigos onde um faz o trabalho e coloca o nome de vários, professores que muitas vezes cansados e explorados simulam que são educadores, outros bancam que aprendem e outros disfarçam que acreditam na educação.

Conforme as discussões presentes no PIBID-FAPESB de Filosofia na UESB-BA, que o governo nas esferas federal, estadual e municipal não está preocupado com a educação. Embora ideologicamente todos afirmem o contrário, o corte do orçamento destinado à educação é uma prova contundente da desvalorização e do descompromisso dos poderes públicos para com a educação. Portanto, o governo utiliza ideologicamente a palavra vestida de ética

em seus discursos e em suas propagandas muito bem elaboradas por agências de publicidade, mas na verdade a educação brasileira quando comparada com países da América Latina, fica entre os últimos lugares e quando comparada na escala mundial é uma vergonha nacional. Aristóteles escreveu um tratado intitulado *Ética a Nicômaco* sobre ética e que tem validade até os dias atuais. Ele afirma no livro II que não estudamos ética para saber o que é ético, mas a fim de nos tornarmos éticos, porque

Isso, pois, é o que também ocorre com as virtudes: pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites e da emoção da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis, [...] numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos, porquanto da sua diferença se pode aquilatar a diferença de caracteres. E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela maneira. Tem, pelo contrário, imensa importância, ou melhor: tudo depende disso (ARISTÓTELES, 1984, p. 68).

O que o filósofo explicita é que se desde a juventude, portanto, durante a formação moral na maioria das vezes não é estimulado a praticar à virtude ou desconstruir o meio em que vivemos, não se tornará nunca justo ou virtuoso. Pois, conforme ensina Aristóteles (1984), As virtudes e os vícios não nascem no ser humano por natureza ou contrariando a natureza, a virtude ou o vício se constrói a partir do hábito, do exercício, da prática. Portanto, nesta vida corrida em que se vive falta os princípios éticos aplicados para uma boa convivência entre todos os indivíduos que fazem parte da nossa sociedade, como educar para a vivência da ética, do respeito, do compromisso e da responsabilidade? Como estimular o graduando que o diploma é consequência e não o fim dos estudos, mas que o caráter é o mais importante? Agindo por interesse e de forma individualista como prega e doutrina os donos dos meios de produção, não é possível atingir o que Aristóteles propõe em sua obra, que é o bem comum, isto é, a dignidade humana e a justiça social.

Ciente de que a palavra é ideológica se ela não for alicerçada na ética, tem-se a utilização da palavra associada a algum interesse particular e isso não corresponde a tarefa e a concepção da ética que é servir de ferramenta para a

construção do bem comum que é concretizada na dignidade humana. Almeida (2013) afirma que existe

Um nexos indissociável entre ética e dignidade humana. Se o homem vivesse eticamente, a dignidade humana estaria plenamente realizada no nosso aqui agora. Podemos definir como ação ética exatamente aquela que contribui para a dignidade da pessoa humana” (ALMEIDA, 2013, p. 135)

Uma das características mais importantes da ética é o diálogo. Conforme explica Freire:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo (FREIRE apud ALMEIDA, 2013, p. 59).

Para se conseguir um bom diálogo entre pessoas de diversas culturas e religiões, a ética serve como fundamento para que as palavras sejam utilizadas com alteridade, isto é, saber se colocar no lugar do outro e respeitando-o como outro, não o reduzindo ao mesmo como os europeus fizeram com os africanos e os latino-americanos durante séculos e até hoje fazem os mais dogmáticos e conservadores. A relação entre a ética e a utilização da palavra é fundamental, pois quem tem um bom domínio das palavras pode usá-las ao seu favor e dando significados diferentes as mesmas dependendo de qual ideologia ou de qual lugar está na divisão das classes sociais. Por exemplo, a palavra “*poder*”, para quem faz parte dos meios de produção, “*poder*” no seu uso frequente significa “*mandar*”, “*explorar*”, “*poder*” se tornou uma condição de obediência e sinônimo de violência. É importante frisar que a ética não está em palavras, mas sim no sentido e na intencionalidade com que ela é praticada, da mesma forma, os sentidos não moram na palavra, mas é pintada pela mente dos indivíduos. Logo, no contexto em que se encontra é preciso ficar muito atento ao significado que algumas pessoas e alguns grupos que detém o poder atribuem à ética, transformando-a em falsas éticas, sendo necessário diferenciar o que é um discurso ético, contido nas palavras e um discurso intencional ao favor e defesa de interesses pessoais.

Nesta vida corrida a falta da ética e de testemunhos éticos conduz a um distanciamento cada vez maior da ética. Dessa forma, fica cada vez mais difícil

construir emancipação, sobretudo, entre os jovens de hoje que são os principais consumidores do consumismo, do materialismo e de propagandas. A educação neste sentido está longe da ética, quando não problematiza, não discute, não proporciona ao jovem aprendiz neste mundo cada vez mais competitivo e capitalista onde o conhecimento não é valorizado, mas ter como referência da felicidade um carro importado ou vestir roupas de grifes. Aprender na academia e para a academia se reduz a decorar fórmulas e reproduzir teorias, o jovem deixa de lado a busca pela essência do conhecimento de si e do próximo e passa a ser uma busca cada vez mais por uma sobrevivência competitiva e neste caminho a ética acaba ficando só nas palavras soltas ao vento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa jornada aprende-se que as palavras começam a ter diferentes sentidos cada vez que se aprofunda em seu conhecimento, ou melhor, somente pelo conhecimento que se pode autenticar o verdadeiro sentido das palavras. Entre a palavra, seu significado e seu significante, esconde um jogo poderoso entre poder e ideologia, entre classes e interesses opostos, entre preconceitos contra minorias e julgamentos infundados. As palavras podem ser apropriadas sem um sentido intencional e em outro contexto, a mesma palavra servir de matriz a diversas ideologias. Isso acontece porque algumas pessoas sabem como usar as palavras, porque têm consciência que elas são carregadas de intencionalidades e de valores, por isso, a relação da palavra com a ética que ocorre na linguagem, isto é, o indivíduo tem nas mãos o poder de decidir e incidir o caminho que sua vida vai seguir mediante a maneira como ele usa as palavras e com qual intenção. Na conjuntura brasileira onde os símbolos são tão presentes, como sustenta Bourdieu, através de suas formas de poder e conduzir é possível abordar a relação das palavras e ética e a ética nas palavras. A ética já não pertenceria a esta ou a aquela escola filosófica, a este ou aquele conteúdo, mas ao próprio testemunho da verdade, ou à concretização da verdade nos próprios atos, e assim ser capaz de concretizar a palavra como ética e a ética como palavra.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Jorge M. *A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2013.

ALVARO, Márquez-Fernandez. *Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2014.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, Difusão Editorial, 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

PINKER, Steven. *The Blank Slate. The modern denial of Human Nature*. New York: Penguin Books, 2002.

STRECK, Danilo; **REDIN** Euclides, **ZITKOSKI**, Jaime J. *Dicionário Paulo Freire*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.